

Presidente anuncia controle da inflação e quer juro menor

ECONOMIA Brasil

Ao PARTICIPAR ONTEM DA 39ª CONVENÇÃO NACIONAL DE SUPERMERCADOS, REALIZADA EM SÃO PAULO, LULA AFIRMOU QUE "CAIU DO CAVALO" QUEM APOSTOU QUE A CRISE POLÍTICA CONTAMINARIA A ECONOMIA BRASILEIRA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem, em discurso na abertura da 39ª Convenção Nacional de Supermercados, que "caiu do cavalo" quem apostou que a crise política iria contaminar a economia. No pronunciamento, Lula, embora tenha falado a favor da autonomia do Banco Central, defendeu a redução da taxa de juros nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom) por considerar que a "inflação está definitivamente controlada".

"Se alguém achou que poderia fazer conflito político, achando que iria acertar a economia e que o País iria sair do trilho, caiu do cavalo porque a economia está cada vez mais sólida", disse o presidente. Ele reiterou que não cederá às pressões - muitas e intensas, segundo relatou -, para promover mudanças na política econômica como forma de driblar a crise em seu governo.

"A crise política pode prejudicar um, dois, 30 políticos mas, enquanto eu for presidente da República, nós iremos enfrentar qualquer situação para não permitir que o nosso querido Brasil sofra qualquer retrocesso com mudanças na política econômica", garantiu. Acrescentou que prefere perder um amigo ou um voto a perder a seriedade.

Comemorações no improviso - Ao comemorar, na parte do discurso feita de improviso, as conquistas da política seguida pelo



Durante o evento, Lula circulou por estandes e se aproximou dos jornalistas para oferecer bolinhos de peixe

Ministério da Fazenda, Lula destacou que os índices de inflação são os mais baixos dos últimos cinco anos. Sugeriu, por essa razão, que os "juros agora têm de entrar numa rota diferente da que fez agora", apesar de ter defendido um Banco Central livre de ingerências políticas.

Além do controle da inflação,

Lula enumerou como feitos da política econômica, como o crescimento da indústria, o saldo acumulado de US\$ 40 bilhões na balança comercial e a redução da vulnerabilidade nas contas externas. Tudo somado, segundo o presidente, configura "um ciclo de solidez inédito nas últimas décadas da nossa história". "Talvez

não seja tudo aquilo que a gente quer, mas é o máximo que a gente teve nos últimos anos" disse Lula, para quem o Brasil vive o momento mais promissor em 25 anos.

De improviso, o presidente foi modesto e admitiu que tem apenas "uma parcelinha de responsabilidade" por esse quadro econômico. Mas ao ler o discurso es-

crito por sua assessoria, foi auto-laudatório. Chamou de "equivocada" a visão de que o bom momento da economia se deve apenas à conjuntura internacional favorável e o atribuiu a uma estratégia de governo que "trocou o Brasil da inserção da dependência financeira pelo Brasil da inserção soberana e competitiva

na economia global".

Nas entrelinhas, aproveitou para lançar críticas na direção do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. "Deixamos a posição subalterna e equivocada que via no endividamento crescente e no acúmulo de passivos comerciais um fermento modernizador da nossa estrutura produtiva", atacou.

Cobranças e bolinhos - Mesmo esbanjando otimismo sobre os rumos da economia, Lula ouviu cobranças dos empresários. O presidente da Associação Brasileira de Supermercados, João Carlos de Oliveira, queixou-se da "quase insuportável carga tributária" e reclamou reforma tributária com a uniformização do ICMS cobrado pelos estados.

Lula respondeu, sugerindo aos empresários pressão sobre os governadores porque o governo já teria feito sua parte. "Aceito que façam todas as manifestações contra mim, sem cara feia, porque ninguém cobrou mais no Brasil do que eu", reagiu.

Bem-humorado, o presidente fez trocadilho com o título de "supermercadista honorário" outorgado ao senador Aloizio Mercadante (PT-SP). Disse que seu líder no Senado vai passar agora ser chamado de "supermercadante". Lula circulou depois por estandes da convenção e se aproximou dos jornalistas para oferecer bolinhos de peixe. Mas não respondeu a perguntas.

Programa trata da economia

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu programa semanal de rádio "Café com o Presidente" que, antes da crise política era quinzenal, afirmou ontem que o País vive um momento muito bom na economia. "Apesar da turbulência política, a sociedade brasileira compreende que a economia precisa dar certo porque, dando certo a economia, vai dar mais certo ainda a vida dos 186 milhões de brasileiros. Nós estamos com a economia crescendo, segundo dados do IBGE, acima da expectativa do Banco Central", disse Lula.

O presidente destacou o crescimento industrial do País e das linhas de crédito. "O crídi-

to está crescendo e isso significa que o povo está podendo comprar mais. Nós tivemos um crescimento extraordinário na nossa balança comercial desde maio, quando chegamos a US\$ 9,8 bilhões. Depois, fomos a US\$ 10 bilhões no mês de junho, US\$ 11 bilhões em julho, repetimos US\$ 11,348 bilhões em agosto, numa demonstração de que valeu a pena fazer todas as viagens que fizemos", assinalou.

Disse que suas viagens ao exterior deram certo e ressaltou o fato de "convencer os empresários brasileiros a viajarem e convidar mais empresários estrangeiros a viajar pelo Brasil, porque quando aumenta a relação comercial do Brasil, quan-

do a gente vende mais lá fora, significa mais produção industrial, significa mais emprego, significa mais comércio, significa mais distribuição de renda".

A esses fatores, ele atribuiu o crescimento da produção industrial, da balança comercial, da massa salarial, e o aumento do poder de compra do trabalhador. "Só para se ter uma idéia, o poder de compra do povo mais pobre também tem aumentado. Há um ano, o trabalhador precisava de 67% do salário mínimo para comprar uma cesta básica, hoje ele está comprando uma cesta básica por 54% do salário mínimo, o que é um ganho efetivo para o trabalhador brasileiro".